



XII CONAGES
XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SOBRE EVA PAIRA DOIS PECADOS, ELA É MULHER: UMA (BREVE) PASSAGEM SOBRE O MATRICENTRISMO E O GÊNESIS

Cilene Pereira Maximiano, Keila de Sousa Freire

Universidade Estadual da Paraíba (cilenemaximiano@hotmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba (keila-de@hotmail.com)

RESUMO: As sociedades humanas, suas mudanças e evoluções são contadas por uma História que, dentro do mundo patriarcal, invisibiliza a fundamental importância da figura feminina desde a Pré – História ao Terceiro Milênio. Passando pelas primeiras civilizações e trazendo o Gênesis como contribuinte, este trabalho contextualiza as diferentes relações sociais desde os primeiros Hominídeos e analisa a polissemia referente à figura de Eva para entendermos, finalmente, uma das principais bases do patriarcalismo atual.

Palavras chave: Mulher, matricentrismo, patriarcado, evoluções humanas.



INTRODUÇÃO

De acordo com Rose Marie Muraro em seu livro “A mulher no terceiro Milênio” o planeta Terra existe, em estimativa, há quatro bilhões e meio de anos. O Homo Sapiens apareceu, provavelmente, já cem mil anos na Europa (alguns falam de cinquenta a trinta mil anos), porém os registros de forma escrita só surgem, há três mil anos. O estudo das relações sociais, portanto, baseiam-se através do comportamento dos animais com cerca de duzentas sociedades primitivas que ainda existe, entretanto com risco de extinção.

A relação entre homens e mulheres é uma das lacunas que nos provocam questionamentos. A figura feminina na Pré – História era de extrema importância nas sociedades de todo o mundo e desse período temos as sociedades denominadas matricêntricas (mulheres no centro). A mulher não dominava, mas tinham-na como figura imprescindível graças a sua habilidade de procriar e isso fez com que a figura feminina fosse elevada à categoria de divindades. Eva, em contraposição, surge para romper com a importância atribuída à mulher e abre portas para a sua submissão.

Com o objetivo de trazer à tona os vários momentos pelos quais passaram o gênero feminino na história, buscamos acalorar as discussões e debates para que as

descobertas, feitos e colaborações femininas desde os tempos mais remotos cheguem a conhecimento da sociedade.

Diante disto, nosso trabalho está pautado na busca de fontes que corroborem para o aprofundamento da pesquisa que busca situar, contribuir e provocar questionamentos acerca da invisibilidade de fatos históricos esquecidos em nosso meio. Sendo ela de teor teórico e qualitativa, nossa principal fonte é MURARO (2000) que faz uma linha do tempo desde à Pré-História até os dias atuais analisando (e comprovando) as relações interativas e sociais entre homens e mulheres.

Os papéis sociais e suas eventuais contribuições não são as formas fixas que de forma concatenada temos em nosso imaginário. Estado, Igreja, instituições que detêm importantes poderes (de) formadores são os perpetradores em potencial da interpretação bíblica que Eva é apenas parte do homem, sendo, portanto, inferior. A mulher pré –histórica, sagrada ou do Terceiro Milênio, é muito mais extensa e colaborativa que o flamejante, insistente e falido discurso patriarcal.



AS SOCIEDADES HUMANAS E SUA EVOLUÇÃO ATÉ O PATRIARCADO

As implicações ideológicas da pré-história são parte fundamental na busca pelo entendimento da representação da figura feminina. Na história apresentada aos europeus da metade do século XX, a mulher pré-histórica era submissa ao homem e um ser inferior. Nesse longo período de tempo a ela não era, de modo geral, subordinada ao homem, antes que a cultura masculinamente definida se fixasse.

“A patrilocalidade e o patriarcado devem entre suas causas a descoberta do papel do homem na reprodução, o que permitiria a estes controlar a fecundidade das mulheres, e portanto, controlar as mulheres, porque o poder advinha do controle da reprodução. Mas enquanto isso não aconteceu, a centralidade dos grupos ficou com a mulheres”.
(MURARO, 2000, p. 24)

As sociedades primitivas são consideradas sociedades matricêntricas, onde a vida era centrada na mulher mãe. Até o neolítico não havia uma divisão sexual do

trabalho, mas no que se sabe como atividades femininas, estão o corte dos animais caçados, o transporte da carne, a peleteria, a produção de cestos e principalmente a coleta de frutos. Segundo alguns estudiosos, as mulheres foram responsáveis pelo descobrimento da agricultura.

“Um grão caído na terra começa a germinar e é observado em seu crescimento por algumas mulheres que estão coletando na área: aí temos, provavelmente, a base da transformação.”
(PINSKY, 1994, p. 34).

Partindo do pressuposto dos primeiros hominídeos que eram semelhantes aos chimpanzés onde as mães passavam a maioria de sua vida cuidando dos filhotes, as famílias eram, assim, matrilocais. A base de sobrevivência das primeiras sociedades foi a coleta e caça, a coleta e a distribuição de alimentos eram responsabilidade das mulheres, com isso é possível que as mulheres tenham desenvolvido a pedra lascada, para despedaçar frutos e cortar, assim também, como recipientes que permitiam carregar os frutos. A imaginação coletiva é que os homens das cavernas eram brutais e cruéis que batiam nas mulheres e arrastavam-nas pelos cabelos, a realidade pode ter sido outra. Os coletores e caçadores eram



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sociedades harmoniosas e igualitárias, basicamente só se precisava proteger a vida dos filhos e cooperação na divisão de alimentos para a sobrevivência. O autoritarismo só surgiu na futura civilização: os Homo sapiens.

Segundo o livro *A mulher do terceiro milênio* de Rose Marie Muraro (2000), no reino animal não existe um macho que domine algumas raças animais (a citar no mundo das abelhas que tem uma rainha que ferroa, a leoa que ataca para obter comida para os filhotes e entre os insetos quem pica é a fêmea e não o macho), assim como nas sociedades humanas matricêntricas os filhotes precisam da mãe, nascem indefesos, frágeis. Nessas organizações animais é possível ver que a mãe é a protetora, a que busca alimento até o filhote crescer. “As fêmeas é que controlam e defendem os seus territórios, legam às suas filhas quando morrem ou decidem se afastar do grupo para formar outro” (MURARO, 2000, p. 15).

Sabe-se que animais carnívoros também são predominantemente matricêntricos. Antes a dominação animal era confundida com a dominância humana de hoje e que os machos é que tinham acesso exclusivo às fêmeas, mas na maioria dos casos quem escolhiam eram as fêmeas.

De acordo com Leite (1994), na sociedade matrilinear a mulher desempenhava a maior parte das funções paternas. Sendo assim, ela não pertencia ao marido, mas ao clã. Ela manobrava o instrumento de cavar ou a enxada e cuidava dos jardins. Foi ela quem fabricou os primeiros recipientes tecendo cestas e dando forma aos primeiros vasos de barro. Criou, ainda, a aldeia e o ninho coletivo, para o cuidado e a nutrição dos filhos (VICENTINO, 1997). Seu lugar predominou até a invenção do arado, quando o homem passou a dominar as atividades produtivas, disseminando a propriedade privada da terra e dos rebanhos.

A descoberta do papel dominante assumido pela mulher na sociedade matriarcal primitiva destrói este mito capitalista (o patriarcado de hoje). A mulher da época selvagem dava à luz seus filhos e continuava livre, independente, e representava o centro da vida social e cultural.

Outro aspecto da vida primitiva difícil de ser aceito pelos conservadores é o fato de que os primitivos não sabiam e não se preocupavam em saber quem era o pai de cada filho que nascia. Os filhos não eram uma propriedade como os demais artigos de propriedade privada, nem eram estranhos uns aos outros, de acordo com a sua riqueza, classe ou raça de suas famílias. Todos os adultos de um clã se consideravam pais



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sociais de todas as crianças, e se preocupavam com todos, igualmente. Não existia uma situação tão trágica e anormal como a de uma criança superalimentada de um lado, e do outro, crianças abandonadas ou doentes, ou seja, não tinham diferenciação de sociedades, eram seres coletivos que tratavam todos iguais. Na sociedade comunitária, em que ainda não existia a família como um núcleo isolado, era inútil e irrelevante saber quem era o pai biológico, ou inclusive a mãe biológica.

Para Leite (1994), após a invenção do arado, o homem toma a consciência do seu papel na reprodução humana e surgem as sociedades patriarcais. A partir daí a fidelidade feminina é exigida para que a herança seja transmitida aos filhos, já que a esposa passa a fazer parte dos bens possuídos pelo marido. Para o clã do marido, o casamento significava, antes, a perda do trabalho e dos bens, por isso, a organização matrilinear deu lugar aos clãs patrilineares.

A importância da mulher deveu-se à sua condição de criadora, fixadora e transmissora de hábitos culturais da experiência coletiva acumulada pelo grupo. Num certo sentido, pode-se dizer que a Revolução Neolítica - passagem à agricultura - foi obra das mulheres, assim como a domesticação dos animais (origem da pecuária), a fabricação da cerâmica, a fiação e a tecelagem (linho e algodão), a medicina

caseira. Além disso, transmitiram esses conhecimentos às novas gerações, fixando e difundindo hábitos culturais.

Se acreditou durante milênios que as mulheres tinham uma relação especial com o sagrado. Essas descobertas levaram historiadores e arqueólogos a sugerir que, bem antes de venerar deuses masculinos, os antepassados do homem teriam adorado as deusas, cujo reinado chegou até a Idade do Bronze, há cerca de 5 mil anos. Não resta dúvida de que por um bom tempo as deusas reinaram sozinhas, deixando os poderes masculinos à sombra. Em seu livro *Um é o outro*, a filósofa e professora francesa Elisabeth Badinter tenta explicar a supremacia feminina a partir do que, se supõe, que teriam sido as relações entre homens e mulheres naquelas épocas distantes.

A ideia é que o homem do Neolítico - ao contrário dos seus antecessores do Paleolítico, que eram caçadores, e dos seus descendentes da Idade do Bronze, guerreiros - dedicava-se à criação de rebanhos e à agricultura. Ou seja, já não era necessário arriscar a vida para sobreviver. Nesses tempos relativamente pacíficos, em que a força bruta não contava tanto como fator de prestígio e as diferenças sociais entre os sexos se estreitavam, é bem possível que deusas - e não deuses - tivessem encarnado as principais virtudes da cultura neolítica.

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

De acordo com Engels (1974), todas as sociedades se basearam em dois pilares, o da produção e o da procriação. Dessa forma, pode ser que as mulheres — produtoras tanto da nova vida, como dos meios para satisfazer as necessidades materiais da vida — se converteram na cabeça social e dirigente de suas comunidades. E, se puderam realizar esta tarefa, é porque trabalhavam juntas, sem estarem dispersas em lares separados, onde cada mulher ficasse encerrada para realizar essas mesmas tarefas para seus próprios fins. Podiam fazer isto, porque não existia um poder dominante que as obrigasse a fazer somente o ordenado, restringindo seus esforços.

A fabricação dos papéis nas sociedades foram se desenvolvendo através da reprodução. Sendo descoberto o papel masculino na procriação (implantação do sêmem na genitora), o homem pôde possuir o controle da sexualidade e, portanto, o poder sobre elas.

Engels, como teórico socialista, tinha plena consciência da significação social e política das descobertas de alguns cientistas, particularmente no que dizia respeito à libertação da mulher. Para ele ficava claro que a “reversão do direito materno foi a grande derrota histórica do sexo feminino. O homem passou a governar também na casa, a mulher foi degradada, escravizada, tornou-se escrava

do prazer do homem e um simples instrumento de reprodução”. A monogamia, assim, “não apareceria de modo algum, na história, como a reconciliação entre o homem e a mulher e menos ainda como a sua forma mais elevada. Ao contrário, ela manifesta-se como a submissão de um sexo ao outro, como a proclamação de um conflito entre os sexos, desconhecido até então em toda a pré-história”.

“O primeiro antagonismo de classe que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia e a primeira opressão de classe coincide com a opressão do sexo feminino pelo sexo masculino. A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, ela abre, ao lado da escravatura e da propriedade privada, a época que dura ainda hoje, onde cada passo para frente é ao mesmo tempo um relativo passo atrás, o bem-estar e o progresso de uns se realizam através da infelicidade e do recalçamento de outros” (MARX, ENGELS, LENIN, 1980 p. 22-23).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ao contrário da mulher, que possuía o “poder biológico”, o homem foi desenvolvendo o “poder cultural” à medida que a tecnologia foi avançando. Enquanto as sociedades eram de coleta, as mulheres mantinham uma espécie de poder, mas diferente das culturas patriarcais. Essas culturas primitivas tinham de ser cooperativas, para poder sobreviver em condições hostis, e portanto não havia coerção ou centralização, mas rodízio de lideranças, e as relações entre homens e mulheres eram mais fluidas do que viriam a ser nas futuras sociedades patriarcais.

Nos grupos matricêntricos, as formas de associação entre homens e mulheres não incluíam nem a transmissão do poder nem a da herança, por isso a liberdade em termos sexuais era maior. Por outro lado, quase não existia guerra, pois não havia pressão populacional pela conquista de novos territórios.

Com isso, nas regiões em que a coleta é escassa, ou onde vão se esgotando os recursos naturais vegetais e os pequenos animais, que se inicia a caça sistemática aos grandes animais. E aí começam a se instalar a supremacia masculina e a competitividade entre os grupos na busca de novos territórios. Agora, para sobreviver, as sociedades têm de competir entre si por um alimento escasso. As guerras se tornam constantes e passam a ser

mitificadas, os homens mais valorizados são os heróis guerreiros e assim começa a se romper a harmonia que ligava a espécie humana à natureza. Entretanto, o homem ainda não conhecia com precisão a sua função reprodutora e crê que a mulher fica grávida dos deuses, por isso, ela ainda conserva poder de decisão. Nas culturas que viviam da caça não existiam a classificação social e sexual, isso só foi entendido nas sociedades posteriores.

“No princípio era a Mãe, o Verbo veio depois” assim que Marilyn French, uma das maiores pensadoras feministas americanas, começa o seu livro *Beyond Power* (Summit Books, Nova York, 1985). E não é sem razão, pois podemos retratar os caminhos da espécie através da sucessão dos seus ritos. Um mitólogo americano, em seu livro *The Masks of God: Occidental Mythology* (Nova York, 1970), citado por French, divide em quatro grupos todos os mitos conhecidos da criação e, surpreendentemente, esses grupos correspondem às etapas cronológicas da história humana.

Na primeira etapa, o mundo é criado por uma deusa mãe sem auxílio de ninguém. Na segunda, ele é criado por um deus andrógino ou um casal criador. Na terceira, um deus macho ou toma o poder da deusa ou cria o mundo sobre o corpo da deusa



primordial. Finalmente, na quarta etapa, um deus cria o mundo sozinho.

Essas quatro etapas que se sucedem também cronologicamente são testemunhas eternas da transição da etapa matricêntrica da humanidade para sua fase patriarcal, e é esta sucessão que dá veracidade à frase já citada de Marilyn French.

A POLISSEMIA DE EVA

Dadas as citações dos quatro tipos de mitologia que até hoje cerceia a espécie humana, segundo MURARO (2000), nos adentraremos à quarta que coloca em nosso meio a figura do Deus onipotente e onipresente como responsável por toda a criação, mundo esse criado pela supremacia única e poderosa que controla todos os seres em todos os momentos da sua vida.

Os mitos nos levam a entender tempo e espaço cotidianos através do sagrado. O mito da Gênese (criação), portanto, surge como a visão judaico-cristã para a explicação da figura do homem e da mulher neste planeta. Este relato fora baseado nas influências mesopotâmicas durante o cativeiro da Babilônia à luz do poderio Sacerdotal.

“Quando se lê, temos de considerar não apenas o que está dito, mas ainda o não dito, o implícito, que também significa.

Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente. (ORLANDI, 2001, p.11).” (RIBEIRO, 2011, p.170)

Sendo até hoje considerado a verdade da criação para os Católicos, o Gênesis inculca na mulher a figura que foi desenhada de Eva em suas páginas. Sendo uma religião que pauta, fundamentalmente, em (re) viver memórias, as interpretações feitas acerca do textual impulsionam sobre a figura feminina a relação de (e) terno castigo pelo pecado da sabedoria.

De acordo com o texto, a criação da mulher está, indubitavelmente, ligada à criação do homem para lhe ser semelhante e companheira:

“Então Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança. E que ele exerça domínio sobre os peixes do mar e os pássaros do céu, e sobre o gado, e sobre a terra, e sobre o homem à sua própria imagem. À imagem de Deus, ele o criou. E ele criou macho e fêmea.” (CRUMB, 2007, p.13)



Na versão portuguesa existe duas versões da criação do homem e mulher. A primeira, como vimos, relata o surgimento conjunto do que seria os primeiros humanos de nossa história. A segunda, citada no livro de Muraro (2000) diz que “Iavé cria sozinho o mundo em sete dias e depois cria o homem. E só depois, de uma costela sua, tira a primeira mulher. E foi esta mulher a causa de todos os males que sucederam ao homem.” (p. 70 – 71)

Analisando todo o contexto dessa vertente, temos que Adão, depois de nomear todos os animais, Deus o faz dormir e a partir daí toma uma de suas costelas para se fazer a mulher. Sendo assim, o corpo feminino foi fabricado por Deus, da matéria do corpo do homem, mas não menciona o seu interior, sua alma. Disto inferimos a inferioridade espiritual da fêmea que logo após comprova isto através da curiosidade sobre o fruto do bem e do mal.

A personificação da cobra (até hoje citada como xingamento direcionado exclusivamente as mulheres) é a primeira a despertar tal curiosidade. Plantada a semente em Eva ela a reproduz para Adão e o leva para provar do pecado. A formação discursiva desse trecho eleva a figura da fêmea como perigosa, persuasiva, portanto, indigna de receber a luz do conhecimento.

O que há de interessante para se notar é que, na posterioridade, esse argumento só ganhou força em cima do autoconvencimento masculino de que ele que pariu a primeira mulher. Sua superioridade e supremacia só se consolida através do rebaixamento do outro. Saindo do lado (da costela), ela poderia ao mesmo tempo ser igual, porém submissa.

A noção de poder que temos e conhecemos formou-se a partir da projeção de Eva e propagação do mito cristão que torna o Gênesis e seus dois primeiros capítulos o texto base para o patriarcado.

“Isto acontece porque, além de parir a mulher, de alocar-se a si mesmo a capacidade de dominar a natureza, o homem ainda culpa a mulher por sua transgressão à lei do Pai, que é a origem de todos os males.” (MURARO, 2000, p.72)

Segundo o texto e suas interpretações, a mulher arrasta o homem à transgressão das regras e ao perigo iminente de morte. O patriarcado toma fôlego e se apropria do mito para justificar a pressão dentro da esfera privada que é a agente de satã (mulher).

O Gênesis, portanto, pode ser considerado um divisor de águas para a história da humanidade, já que, mesmo antes



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

dele, várias sociedades se baseavam no matricentrismo. A importância de Eva ultrapassa os valores cristãos e cria as grades do castigo das quais até hoje lutamos para fugir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto objetivamos contribuir e fazer entender como se configurou a presença feminina desde as primeiras formas de civilização e na criação do Gênesis (marco que divide a figura feminina na sociedade) para contextualizarmos o meio patriarcal no qual vivemos hoje.

A crença e interpretação que aloca uma relação entre a mulher e o divino (graças à maternidade e à figura de Eva), engrossa os argumentos patriarcalistas na vertente de que tudo que existe é comandado por um ser que é considerado homem, Deus. O “poder cultural” versus “poder biológico” nos empurra, portanto, a incorporar e adotar as máscaras de um discurso estigmatizador travestido pela “normalidade”.





REFERÊNCIAS:

CRUMB, Robert. Gênesis\ por Robert Crumb: [tradução Rogério de Campos]. – São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2009.

ENGELS, Friedrich. A Origem da família, da propriedade privada e do Estado. Ed. Civilização Brasileira, RJ, 1974.

_____ MARX, Karl; LENIN, Vladimir Ilitch. Sobre a mulher. Traduzido por Armandina Venâncio. 3. ed. São Paulo: Global, 1981

FRENCH, MARILYN. Beyond Power. In: MURARO, Rose Marie. O Martelo das Feiticeiras. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/livros/memoria/mundo/feiticeira/introducao.html> Acesso em: 13 de abril de 2016.

LEITE, C. L. P. Mulheres: Muito além do teto de vidro. São Paulo: Atlas, 1994.

MURARO, Rose Marie. A mulher do terceiro milênio: Uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2000. 205 p.

PINSKY, Jaime. As primeiras civilizações. 13. ed. São Paulo: Atual, 1994.

RIBEIRO, Manoel Pinto. Formação discursiva: A mulher vinculada à figura de Eva. 2011, pp. 170 – 176 .

VICENTINO, Claudio. História Geral – ed. Atual e ampl. São Paulo: Scipione, 19

